

A NARRAÇÃO COMO RECONCILIAÇÃO EM *DOIS IRMÃOS*, DE MILTON HATOUM

Mariana Jantsch Souza¹

RESUMO

Este artigo apresenta uma leitura do romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, em que se evidencia o papel da narração como fator de consolidação de uma identidade a partir da ressignificação do passado. Para tanto, a identidade é abordada como um processo eminentemente discursivo atrelado à memória, pois encontra no passado uma das fontes constituidoras. O caminho para apaziguar os conflitos do passado é a escrita, a narração, pois é a angústia de não saber nada sobre si e, por isso, não conseguir moldar uma identidade, que impulsiona Nael, o narrador-protagonista, a revolver o passado. No decorrer desse percurso memorial-narrativo surge a questão do duplo atrelada à problemática da formação identitária, destacando como a relação com a alteridade reflete-se na identidade do sujeito. A análise exposta encontra aporte teórico em obras de Stuart Hall, Joel Candau, Beatriz Sarlo, Michel Pollak, Ana Maria Lisboa de Mello.

Palavras-chave: Narração. Identidade. Memória. *Dois irmãos*.

NARRATION AS RECONCILIATION IN *THE BROTHERS*, BY MILTON HATOUM

ABSTRACT

This article presents a reading of the novel *The Brothers*, by Milton Hatoum, as it highlights the role of narration as a factor of consolidation of an identity from the resignification of the past. To do so, the identity is approached with an eminently discursive process tied to the memory, because it finds in the past one of its

constitutive sources. The way to appease the conflicts of the past is the writing, the narration, because it is the anguish of not knowing anything about himself and, therefore, being unable to shape an identity that drives Nael, the central narrator, to revolve the past. Throughout this memorial-narrative journey, the double issue tied to the identity formation problem emerges, highlighting how the relationship with alterity is reflected in the identity of the subject. The foregoing analysis finds theoretical support in the works of Stuart Hall, Joel Candau, Beatriz Sarlo, Michel Pollak, Ana Maria Lisboa de Mello.

Keywords: Narration. Identity. Memory. *The Brothers*.

1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS INICIAS

Esta leitura do romance de Milton Hatoum parte das noções teóricas de memória e identidade e encontra aporte na abordagem de Jöel Candau, Stuart Hall, Maurice Halbwachs, Beatriz Sarlo, Michel Pollak. A narração é o ponto de encontro entre memória e identidade: é por meio do discurso que o passado é mobilizado para (re)constituir uma identidade proibida.

Nesta perspectiva, identidade é considerada como construção discursiva e por isso é vista como um processo inacabado ou em constante aperfeiçoamento,

Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. **A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é 'preenchida' a partir de nosso exterior**, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2006, p. 38-39, grifo nosso).

O fato de as identidades inserirem-se num processo enfatiza sua condição discursiva: as identidades são construídas dentro do discurso. É no plano do discurso que as diferenças são estabelecidas e as posições sociais do sujeito são determinadas e assumidas. Nesse sentido, as identidades são lidas como “pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. [...] as identidades são posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora 'sabendo', sempre, que elas são representações” (HALL, 2011, p. 112).

Toda representação convoca algo para ocupar o lugar de uma ausência, para preencher uma falta, um vazio deixado por outra coisa. A identidade, então, é construída ao longo de uma falta, “ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro” por isso as identidades não podem “ser ajustadas – idênticas – aos processos de sujeito que são nelas investidos” (HALL, 2011, p. 112).

Assim, identidade significa um ponto de encontro, o nó que une os diversos discursos e práticas culturais a que os sujeitos estão expostos e que os interpelam, convocando-os para que assumam seus lugares sociais (HALL, 2011, p. 111-112). Este nó, no entanto, pode ser feito de diversas formas e pode alterar-se a qualquer tempo. É este nó a identidade, a forma como o sujeito se identifica em certo momento e com relação a certos discursos.

De outro lado, é importante esclarecer a noção de memória que embasa a leitura aqui apresentada. Inicialmente, memória é observada como a faculdade humana responsável pela conservação do passado, das experiências vividas. Neste trabalho, a memória é abordada como fonte de referentes identitários, como pilar a partir do qual se edificam as identidades, cujas vigas mestras são buscadas no passado e surgem sob a forma de lembranças.

Considerando a memória como o instrumento capaz de trazer o passado para o presente, é inevitável notar a seletividade da memória, que não pode evocar todas as lembranças do indivíduo, mas opera uma seleção e faz emergir as imagens do passado que estão de acordo com as intenções atuais do sujeito, ou, como diz Candau, “a memória opera escolhas afetivas” (CANDAU, 2011, p. 69).

A memória atua, assim, como um gerenciador do passado, vez que não traz à mente do sujeito uma cópia fiel dos acontecimentos vivenciados, não encena exatamente o que foi vivido. Por esta faculdade humana, recupera-se o passado adaptando-o ao presente para fazê-lo atuar neste momento, pois “a alteração do passado é um atributo da memória que Pierre Nora definiu como ‘a economia geral e gestão do passado no presente’. Essa gestão exige, por vezes, a criação deliberada de artifícios e artefatos memoriais [...]” (CANDAU, 2011, p. 164). Esse trabalho de gestão também envolve a administração dos significados que se atribuem ao passado.

Dessa forma, compreende-se a memória como o mecanismo para construir o passado no presente. A produção de significados da memória se faz no presente, no momento mesmo da rememoração, por isso está sujeita a reavaliações e o

significado atribuído a um evento passado pode ser alterado a cada rememoração: “as preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória” (POLLAK, 1992, p. 4).

Por último, é importante perceber, conforme Beatriz Sarlo explicita, que o relato da memória é por natureza lacunar, pois sua fonte é inexata, é uma ausência que se esforça por presentificar-se: “o aspecto fragmentário do discurso da memória, mais que uma qualidade a se afirmar como destino de toda obra de rememoração, é um reconhecimento exato de que a rememoração opera sobre algo que não está presente, para produzi-lo como presença discursiva” (2007, p. 99).

O romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, objeto desta análise, apresenta a história de uma família de origem libanesa que vive na Manaus dos anos 20. O epicentro da narrativa são os filhos gêmeos do casal Halim e Zana: Yaqub e Omar. Pela voz do mestiço bastardo Nael, filho da empregada da casa com um dos homens da família de Zana, a história dos libaneses de Manaus ganha forma.

A narração de Nael mostra-se como uma tentativa de desvelar sua origem, descobrir qual desses homens o atrela à família libanesa. Para isso, o jovem percorre os trilhos das memórias familiares na intenção de recompor os resquícios da família que a desavença dos gêmeos dispersou no passado. É o desejo de conhecer e revelar o passado que move a narrativa de Nael. Assim, o drama identitário e a necessidade de recorrer à memória para preencher os vazios que a ausência de uma origem produz, impedindo a elaboração de uma identidade, são a tônica da narrativa.

Ainda acerca das questões identitárias observadas na narrativa, pode-se perceber que o relato de Nael ancora-se num jogo de duplicidades que discute a relação entre o Eu e o Outro e as tensões decorrentes do contato com a alteridade, demonstrando que esta, em boa medida, atua sobre a conformação do sujeito. A relação com o outro, na narrativa, é marcada pelo antagonismo e pelas imagens duplicadas dos gêmeos Yacub e Omar, caracterizadoras das formas mais freqüentes de figuração do duplo. Observar as implicações do duplo na narrativa retoma o tema central aqui abordado: as reflexões identitárias que a revisão do passado viabiliza.

Desse modo, a leitura do romance de Hatoum aqui apresentada concentra-se na narração memorial empreendida por Nael, que se dedica a narrar na esperança de construir uma identidade junto à família. Relato esse que se sustenta nas

memórias familiares na intenção de enraizar no passado comum a identidade finalmente consolidada.

2 NARRAÇÃO: MOBILIZANDO MEMÓRIAS E CONCILIANDO O PASSADO

Nael restabelece o passado familiar unificando as rupturas que marcaram a família. O filho de Domingas empenha-se em um trabalho árduo de retrospectiva no momento em que rompe com o destino que lhe seria esperado ao mudar sua posição na pirâmide social: sai definitivamente de um espaço social subalterno – de agregado, filho da empregada e, por extensão, empregado também –, para ingressar em outro plano social, tornando-se professor no liceu em que estudara. O filho da empregada insere-se, então, no nível social dos patrões e, a partir disso, tem a possibilidade de ser patrão e não continuar com a mesma sorte da mãe:

Eu acabara de dar minha primeira aula no liceu onde havia estudado e vim a pé para cá, sob a chuva, observando as valetas que dragavam o lixo, os leprosos amontoados, encolhidos debaixo dos oitizeiros. Olhava com assombro e tristeza a cidade que se mutilava e crescia ao mesmo tempo, afastada do porto e do rio, irreconciliável com o seu passado (HATOUM, 2006, p. 197).

Nesse momento, Nael observa a cidade e percebe a distância entre a Manaus do passado, de sua infância, e a Manaus do presente. Atentando para a passagem do tempo e suas consequências para a cidade natal, o narrador se entristece ao constatar que, nesse caso, não há possibilidade de reconciliação com o passado. A Manaus dos tempos áureos de infância está presa em um tempo que não se restabelecerá nem por meio da memória, pois as imagens memoriais se chocam com a realidade presente que se impõe e borra as imagens da cidade de outrora.

Diante dessa constatação, Nael defronta-se com a necessidade de fixar o passado que está escapando de suas memórias, diluindo-se ante a um presente que excluiu os vestígios desse tempo, tal como verificou em relação à cidade. Então, o primeiro impulso de Nael para capturar o passado foi anotar as conversas com Halim, com a finalidade de preservá-las da força do esquecimento:

Eu tinha começado a reunir, pela primeira vez, os escritos de Antenor Laval, e anotar minhas conversas com Halim. Passei parte da tarde com as palavras do poeta inédito e a voz do amante de Zana. Ia de um para o

outro, e essa alternância – o jogo de lembranças e esquecimentos – me dava prazer (HATOUM, 2006, p. 197).

O papel da memória, no entanto, é muito mais amplo do que apenas trazer o passado para o presente, conforme já demonstrado. Trata-se de um instrumento para reavaliações, revisões, autoanálise, autoconhecimento e é por este caminho que a memória alcança a identidade, sendo fator chave em sua (re)construção. Assim, a partir desse momento, Nael inicia seu trabalho de revolver o passado para extrair daí os pilares de uma identidade silenciada pela família, reformulando-se para assumir-se filho da casa. O primeiro recurso de Nael, como se pode notar, é a memória familiar, pois, segundo explica Candau,

A memória familiar serve de princípio organizador da identidade do sujeito em diferentes modalidades. De um lado, intervém o compartilhamento de certas lembranças e esquecimentos (em particular o dos mortos) ou, mais exatamente me parece, o compartilhamento da vontade de compartilhar, [...] (2011, p. 141).

Movido pelo ímpeto de salvar o que resta de sua história, Nael também percebe que certas partes do passado precisam ser abandonadas para que seja possível seguir em frente. O principal vestígio que deveria ser esquecido e excluído era a casa, que neste mesmo dia “tornara-se um breu” após o incêndio provocado por um raio. A casa familiar reunia o passado em suas paredes, em sua estrutura, nos detalhes que mostravam o Oriente construído no interior desse espaço. O narrador, do seu quatinho dos fundos, estava sempre de frente para a casa, enfrentando o passado materializado nessa arquitetura.

A casa encerrava memórias ruins e era, para Nael, o símbolo da submissão vitalícia da mãe. Foi o cárcere de Domingas. Desse modo, colaborar para a conservação da casa é nutrir memórias doloridas, manter abertas feridas de um passado triste: “Desde a partida de Zana eu havia deixado ao furor do sol e da chuva o pouco que restara das árvores e das trepadeiras. **Zelar por essa natureza significava uma submissão ao passado, a um tempo que morria dentro de mim**” (HATOUM, 2006, p. 197, grifo nosso). Após a destruição da casa, restaram apenas as memórias cultivadas por Nael; as lembranças que não estavam vinculadas a objetos ou vestígios palpáveis que impunham memórias.

A destruição do símbolo das feridas do narrador é outro sinal da ruína do passado. Diante das emergências que o transcurso temporal traz, o filho de Domingas percebe que se não fizer nada para impedir esse movimento natural do

tempo não restarão sequer as lembranças boas, aquilo que ele gostaria de manter presente do tempo vivido. Nael, então, decide narrar para se salvar dos escombros do esquecimento e do silêncio eterno. Mostra-se, assim, consciente de que o discurso é o instrumento apto a cristalizar o tempo vivido e impedir o esvaziamento das memórias, conforme destaca Halbwachs (2006, p. 101).

O narrador dedica-se a resgatar um passado que, pela sua condição na família, era desconhecido. Arrecadou fragmentos e lembranças esparsas do que um dia foi a família para, com isso, tecer seu discurso e sua história de filho – de filho da casa. É nesse espaço narrativo, e desfazendo as lacunas do passado, que Nael se insere na família. A identidade do filho de Domingas é elaborada a partir das rupturas desfeitas discursivamente, pois, na condição de terceiro, ele encontra seu espaço ao unir os pedaços dispersos do passado.

Retomando as considerações de Stuart Hall, destaca-se que é em razão da construção discursiva da identidade que se faz necessário recorrer à memória: é preciso revolver o passado para narrar-se, para construir uma identidade, para constituir-se como sujeito diante do outro e posicionar-se dentro do grupo. Esse, portanto, é o ponto que liga a identidade à memória e torna possível a afirmação de Candau de que “a memória é a identidade em ação” (2011, p. 18).

Dessa forma, trabalhar a relação entre memória e identidade é observar como a memória guia o processo narrativo e interfere na forma como o narrador apresenta sua história e como se posiciona diante do passado narrado.

Nael sempre ocupou uma posição ambivalente na família; viveu entre dois planos: o de filho/neto e também o de agregado que se insere no grupo na condição de serviçal. Não era oficialmente reconhecido como da família, mas fruía das liberdades de neto e experimentava os afetos de Halim. Passou a vida toda entre essas perspectivas. É naturalmente externo e interno; está simultaneamente dentro e fora da família. Em razão disso, a perspectiva de observação de Nael é, por natureza, dupla, pois a condição do filho de Domingas na casa é híbrida.

Ele pertence e, ao mesmo tempo, não pertence ao passado narrado. Nael vive a perspectiva do excluído, do bastardo socialmente ilegítimo e que, por isso, não pode ocupar nenhum lugar no grupo. Nessa situação, a narração é o instrumento para estabilizar a posição de Nael perante o grupo.

Nael busca tão somente esse reconhecimento: quer ser da família sem atrelar sua identidade aos gêmeos, por isso não revela e até renega a filiação em relação

aos filhos de Halim. Faz com que o segredo sobre sua paternidade não seja tão importante e por isso não o revela. O mais importante é ser membro da família.

Em virtude da clandestinidade de seus laços com a família libanesa, Nael não tem acesso a partes do passado familiar. Não conhece por inteiro o seu próprio passado, desconhecimento que gerou lacunas, dúvidas e muita especulação. É a partir disso que Nael se relaciona com o passado e com as memórias suas e de toda a família. Busca angariar as memórias dos outros na expectativa de preencher as lacunas do seu passado ao unir todas as lembranças arrecadadas. Foi assim que aprendeu a ser um excelente observador e se tornou um ouvinte atento. Também assim manteve-se à margem; fez-se uma personagem secundária em sua própria trama para não ser notado e não impedir ou atrapalhar o fluxo das memórias e das conversas que capturava pela casa.

Em razão disso, por vezes Nael mostra-se um narrador onisciente, alheio à história, mas atento às personagens e, aparentemente, com livre-acesso aos seus pensamentos e sentimentos. Preenche as lacunas das imagens memoriais de um passado a que não teve acesso, distanciando-se da trama e narrando de forma onisciente.

Em alguns momentos, portanto, Nael se põe como um espectador do presente e do passado que diz respeito à família: “Isso Domingas me contou. Mas muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque **enxerguei de fora** aquele pequeno mundo” (HATOUM, 2006, p. 23, grifo nosso). O neto de Halim tem consciência da sua condição externa na família e também da sua raiz naquele grupo: “bem ou mal era um membro da família, o neto de Halim” (HATOUM, 2006, p. 101). Neste contexto em que se encontra Nael, a narração é construída, na maior parte, a partir de uma perspectiva externa; por isso parece, em alguns momentos, que o filho de Domingas conta a história dos gêmeos de Zana e não a própria história. Nos espaços em que encontra lugar, porém, Nael se insere como narrador-protagonista: é quando o leitor percebe as inquietações que acompanham o narrador, a sua ansiedade por respostas e o sofrimento que os silêncios do passado causam.

É a angústia de não saber nada sobre si e, por isso, não conseguir moldar uma identidade, que impulsiona Nael a revolver o passado e anotar as conversas com Halim em busca de pistas sobre uma origem incerta para, por fim, construir a narrativa de si: “Meu passado, de alguma forma palpitando na vida dos meus antepassados, nada disso eu sabia” (HATOUM, 2006, p. 54).

O processo de construção da identidade está inscrito em um processo memorial que envolve reconstituição de um passado, reatualizações e esquecimentos de algumas imagens pretéritas. É preciso trazer a identidade para o discurso e é a memória que o faz na medida em que permite que o sujeito narre a si mesmo.

Para se narrar, Nael necessita narrar o passado da família, porque a sua história é também a história da família. Em virtude da obscuridade que envolve esse passado, o narrador precisa recorrer a outras narrativas, a tudo o que presenciou, observou e ouviu na casa para conseguir montar o discurso sobre a sua história. Nesse percurso, ele agencia essas narrativas misturando-as as suas próprias memórias, tornando tudo uma grande e única lembrança materializada na narrativa que se lê.

Assim, a narração de Nael compõe-se de uma harmoniosa mistura de vozes, de tal modo que as autorias se imbricam e, por vezes, não se sabe se o narrador conta o que viu e viveu ou apenas o que ouviu. Nael se serve de discursos de todos os familiares, recorrendo principalmente ao avô e à mãe, mas conta também com confidências de Zana à beira da morte e com informações provindas de Rânia, irmã mais velha dos gêmeos. Por vezes, porém, Nael aproximava-se do passado de modo sorrateiro, ouvindo as conversas pela casa e espiando os seus habitantes: “Eu estava alheio ao que vinha acontecendo nas últimas semanas, não conseguia escutar os cochichos entre Zana e Rânia, nem decifrar os gestos e olhares que trocavam, mas escutei o nome de Yaqub e do hotel em que ele estava” (HATOUM, 2006, p. 173).

Nael sabe que as palavras delatam as pessoas e, por isso, observou e ouviu pacientemente durante anos a família: “Todo mundo sabia disso: pela boca morriam todos” (HATOUM, 2006, p. 96). Colheu material para montar sua colcha de retalhos sobre o passado da família. O narrador sabia que aproximar-se do passado significava aproximar-se de si, de sua identidade e definir seu lugar naquele grupo. Conforme esclarece Candau acerca da relação entre memória e identidade: “A busca memorial é então considerada como uma resposta às identidades sofredoras e frágeis que permitiria ‘apoiar um futuro incerto em um passado reconhecível’” (CANDAU, 2011, p. 10).

Até o momento em que Nael apresenta-se e se nomeia, a narrativa consiste na reunião de discursos e relatos com um tom de apropriação e incorporação dessas

narrativas ao discurso criado pelo narrador: misturam-se as vozes e os três se tornam autores da narrativa familiar. É apoderando-se dessas vozes que o narrador tem acesso ao passado e pode se vincular a esse tempo e, a partir disso, se inserir na família e se declarar filho da casa.

Nael se torna ouvinte e confidente de Halim e de Domingas na esperança de ter acesso ao seu próprio passado e a sua origem, informações que não chegaram até o narrador. Assim, o passado chegava até ele falho, truncado, por meio de pedaços de narrativas, de memórias e de esquecimentos, os quais atuavam como um filtro que preservava os segredos da família: “[Halim] Contava esse e aquele caso, dos gêmeos, de sua vida, de Zana, **e eu juntava os cacos dispersos, tentando recompor a tela do passado**” (HATOUM, 2006, p. 101, grifo nosso).

Nem Halim nem Domingas chegavam ao ponto do passado que interessava ao seu interlocutor. A origem do jovem sempre foi acobertada, era um assunto intocável. É em busca desse passado intocável que Nael constrói a sua narrativa memorial: reúne os retalhos aos quais teve acesso, conectando-os por meio de seu árduo trabalho narrativo que esbarra nos esquecimentos e nas lacunas que o tempo produz nas memórias.

Os caminhos percorridos por Halim e Domingas em suas lembranças sempre se desencontravam do caminho da origem de Nael. O desencontro era a marca da narração de Halim e Domingas: desencontro que Nael busca desfazer, suprimir com o seu trabalho de recuperação do passado e preenchimento das omissões e dos não ditos sobre sua história e origem.

Ao preencher os intervalos de um passado desconhecido, Nael começa a compreender suas origens, os motivos de sua mãe, a postura de Halim e a se compreender como sujeito. Assim seu passado se unifica; suas dúvidas se acalmam e se resolvem, ainda que o narrador não compartilhe com o leitor as respostas encontradas no passado.

A relação que Nael estabelece com o passado é, ao mesmo tempo, como solução de sua dúvida e como possibilidade de reconciliação com esse tempo que produziu tantas feridas. Revolver o passado em sua narrativa memorial mostra-se como uma oportunidade de o filho de Domingas reconciliar-se com um tempo do qual fez parte apenas como observador externo e não como personagem; reconciliar-se com um passado arruinado pela imagem dominante dos gêmeos, cuja força refletia-se em Nael como impossibilidade de consolidar uma identidade. Assim,

o principal dos frutos desse tempo é uma identidade flutuante em meio aos gêmeos e ao caos vivido na família.

No momento da narração, recuperar o passado e rever todo o percurso familiar é a última oportunidade para Nael reconciliar-se com um tempo acabado, terminado e em vias de diluir-se no esquecimento. É, também, a única forma de apaziguar-se com a família, com suas origens e consigo mesmo. É a narração que viabiliza essa reconciliação, permite que Nael insira-se na família libanesa como filho da casa.

De outra parte, narrar é uma forma de fixar o passado para que não seja esquecido. É, também, uma necessidade que se impõe quando já não há mais testemunhas e as lembranças começam a se perder. O que move o discurso e impulsiona Nael para que consiga falar é o medo do esquecimento. É a ameaça de apagamento definitivo de sua identidade junto a família. O esquecimento inicia seu trabalho de traça ao construir lacunas nas memórias, borrar imagens e discursos sobre um tempo que se pretende reavivar por meio da narração. Um tempo que somente pode se fazer presença por meio da rememoração transformada em discurso. Trata-se, todavia, de uma presença que nunca é completa e idônea; é sempre manipulada, adaptada e modelada pelo sujeito da rememoração.

Não é, porém, somente o medo de esquecer que faz com que Nael recupere o passado familiar. Com a morte de quase todos os membros da família, e das principais testemunhas de um passado oculto e ocultado, Nael não encontra mais a resistência insistente dos que queriam protegê-lo de alguma parte do passado e com isso lhe negaram acesso as suas origens. Com Halim, Domingas e Zana, fenece também o acordo de silêncio selado entre eles.

O silêncio que obscureceu o passado de Nael reafirma a importância de visitar esse tempo e resolver seus dilemas antes que as memórias desse tempo se diluam no presente e restem apenas os nós de um passado inacessível e para sempre insolúvel. Há silêncios de toda a família em relação ao passado do filho de Domingas, mas havia também um silêncio nele: “Eu sofria com o silêncio dela [Domingas]...” (HATOUM, 2006, p. 54). O silêncio firme e imbatível da família prende-se ao narrador, de tal modo que, por muito tempo, ele não tem coragem para enfrentar as ausências trazidas pela mudez familiar e se cala também, sucumbindo aos não ditos do passado. Por isso, o assunto de suas origens torna-se intocável também para ele, ainda que no fundo exista o desejo de conhecer e se conhecer: “[Halim] Não mencionou Domingas. **Adiei a pergunta sobre o meu nascimento.**

Meu pai. **Sempre adiaria, talvez por medo**” (HATOUM, 2006, p. 100, grifo nosso). Além de não ter ânimo para desbravar o próprio passado, não havia espaço ou oportunidade para Nael fazê-lo; os segredos familiares se impunham como uma muralha entre o narrador e seu passado.

Desse modo, por muito tempo, enquanto Domingas e Halim viviam, Nael não conseguia tocar no assunto, articular a pergunta que o atormentava: não tinha forças para perguntar qual dos gêmeos era seu pai, talvez por não ter coragem de ouvir a resposta e de suportá-la. Esta pergunta sem resposta obstava a consolidação de uma identidade, pois não havia qualquer origem para essa identidade. Esses silêncios abalavam o sentimento de pertencimento (âncora das identidades) por encobrirem os laços que vinculam o narrador ao grupo familiar.

O neto de Halim somente consegue romper a muralha de silêncios muito tempo depois da morte do avô e da mãe, quando o fluxo temporal enfraquece o peso da mudez de seus ascendentes. Então, o dever de lembrar se impõe e o narrador recobra suas forças para, finalmente, explorar os desconhecidos de seu próprio passado. Antes disso, porém, todas as iniciativas de Nael fracassaram:

Eu não conseguia sair de perto de Domingas. Um curumim do cortiço foi entregar um bilhete a Rânia. Escrevi: “Minha mãe acabou de morrer.” **Naquela época, tentei, em vão, escrever outras linhas. Mas as palavras parecem esperar a morte e o esquecimento; permanecem soterradas, petrificadas, em estado latente, para depois, em lenta combustão, acenderem em nós o desejo de contar passagens que o tempo dissipou. E o tempo, que nos faz esquecer, também é cúmplice delas. Só o tempo transforma nossos sentimentos em palavras mais verdadeiras, disse Halim durante uma conversa** (HATOUM, 2006, p.183, grifo nosso).

Nael mostra-se dono de uma lucidez extrema, que possibilita observar o passado e o presente com um olhar consciente das falhas e dos nós de sua história. Ele sabe que é o transcurso do tempo e a maturidade alcançada que possibilitam essa lucidez e o fazem enxergar o caminho para apaziguar os conflitos do passado: a escrita, a narração.

Não era somente o silêncio, entretanto, que impedia Nael de construir sua identidade. A imagem dos gêmeos, construída de forma obsessiva como antagonistas vivendo em conflito permanente, tomava todo o âmbito familiar: não havia espaço para Nael e para suas perguntas.

Os filhos de Halim misturavam-se na imaginação de Nael; habitavam um só corpo em que havia duas personalidades extremas para distingui-los, uma vez que a aparência não servia como fator de distinção e sim de confusão. Os gêmeos constituem, assim, um duplo nas memórias de Nael. Um duplo que se impõe e se torna o centro das dúvidas e das ambiguidades que encobrem o passado e as origens do narrador. Até dissolver em seu discurso a duplicidade que os filhos de Zana figuram em seu imaginário, o narrador não consegue solucionar suas dúvidas e pacificar suas inquietações identitárias.

A questão do duplo envolve a imagem e o confronto do Eu e do Outro e está relacionada à duplicação do Eu, ao seu desdobramento. A representação mais antiga e clássica da imagem desdobrada é a duplicação gêmea. O duplo pode apresentar-se de formas variadas, “desdobrando-se em sócias, irmãos – gêmeos ou não –, representada, também, pela sombra, o retrato ou a imagem refletida no espelho” (MELLO, 2000, p. 113).

Por manifestar uma cisão, um conflito interno, o duplo, não raro, é retratado na literatura por meio de algum enfrentamento entre personagens rivais ou por um conflito interno em que se desdobra a personagem. Para Ana Maria de Mello, a literatura é um dos principais âmbitos no qual o tema é exposto com profundidade, pois tem “uma vocação especial para tematizar o duplo, já que no ato de criar o autor se desdobra em narrador e, através de seus heróis, libera partes aprisionadas em si mesmo, que estão sob a máscara de um Eu particular, fixo no molde da personalidade” (2000, p. 123).

O duplo expõe e intensifica os questionamentos identitários que acompanham o homem, revela inquietações extremas que abalam as identidades. Assim, a temática do duplo estabelece relação estreita com as angustias identitárias, explicitando que “através da noção do duplo, toda a problemática da identidade pessoal e das relações que nós temos com as imagens parentais, mas também com o nosso Eu profundo, nossa obscuridade e nossos medos se acham reunidas” (MELLO, 2000, p. 122).

No romance de Milton Hatoum, o duplo ganha forma a partir dos conflitos intermináveis dos filhos gêmeos de Halim e Zana, que, embora se aproximem pela semelhança física, afastam-se pelo ódio e pelo rancor. Nael envolve-se nesse duplo quando percebe que um dos gêmeos é seu pai e, então, se empenha na busca de pistas para desvelar a verdade sobre sua paternidade.

A ambiguidade que os gêmeos encarnam, em verdade, resulta da imaginação de Nael. A dubiedade se encontra, pois, na obsessão em construir e textualizar a imagem dos gêmeos como duplos, evidenciando as personalidades divergentes e os conflitos vividos. Opostos e ao mesmo tempo idênticos, os gêmeos parecem ser o epicentro da narrativa, o que se pode perceber já no título do romance. O filho de Domingas surge a partir desse duplo formado pelos irmãos Yaqub e Omar. Sua identidade atrela-se à cisão que os gêmeos protagonizam. É também em razão dessa cisão que a paternidade de Nael torna-se um segredo de família.

Dessa forma, a origem de Nael encontra-se cindida, porque está marcada pela dualidade dos irmãos e pela ambiguidade das dúvidas que o acompanham: Yaqub ou Omar? O discurso é construído com o fim de recompor a história da família e unificar a ambiguidade que atormenta o narrador. Essa unificação do passado, no entanto, resulta não em uma resposta para o questionamento central de Nael, mas sim na consolidação de um espaço para o jovem, quando consegue estabelecer-se como filho da casa. Assim, a dúvida é diluída não com uma resposta, mas com a inserção definitiva de Nael na família.

De outra parte, o trabalho do narrador em construir essa duplicidade e alimentá-la em seu discurso, revela sua intenção de não resolver o dilema de sua ascendência. Traduz, pois, uma negação do seu estado de filiação, uma rejeição de sua paternidade, por isso Nael não revela ao leitor o nome de seu pai, mas deixa claro que o sabe.

Essa escolha significa, portanto, a recusa em assumir vínculos com quaisquer dos filhos de Zana. O narrador quer apenas posicionar-se como membro da família, declarar-se neto de Halim e consolidar seus laços com o avô. Nael não quer ser filho dos gêmeos, quer ser filho da casa, quer poupar-se do desgosto e dos estigmas de ser filho de um deles e se envolver mais no conflito que destruiu a família. Dessa forma, as ambiguidades relacionadas aos gêmeos permanecem abertas. A unificação alcançada por Nael é a assunção da condição de neto e membro da família, e não a solução da situação dos gêmeos, que não encontra desfecho e permanece conflituosa até a morte.

Por fim, diluída a ambiguidade que envolvia os gêmeos, o último sinal da inserção de Nael na família revela-se no momento do enterro de Domingas:

Pedi a Rânia que minha mãe fosse **enterrada no jazigo da família, ao lado de Halim**. Ela concordou, pagou tudo sem reclamar, e eu nunca soube quanta cumplicidade havia num ato tão generoso. **Minha mãe e meu avô, lado a lado, debaixo da terra haviam encontrado um destino comum**. Eles que vieram de tão longe para morrer aqui (HATOUM, 2006, p. 183, grifo nosso).

A família se une novamente no leito do descanso eterno, unificando suas ramificações para sempre. Assim, a consolidação da identidade de Nael também se encerra com um ato simbólico: o enterro – como se o passado se houvesse apaziguado e, finalmente, pudesse descansar em paz.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de identidade que norteia esta leitura é de um processo que se inicia com o nascimento e acompanha o sujeito até o fim da vida, de modo que as identidades são abertas: estão em permanente processo de constituição. Neste sentido, identidade é uma posição social que o sujeito assume, por isso é compreendida como um processo. Leva-se em conta, também, que as posições sociais são elaboradas discursivamente, são narradas, e, assim, a identidade é compreendida como uma construção discursiva.

De outra parte, a memória é abordada como a faculdade que permite ao indivíduo acessar o próprio passado, tornando-o consciente do tempo e do seu fluxo. Com isso, a memória permite também que o indivíduo atribua significados às experiências vividas. É a memória, portanto, que interliga os tempos: presente e passado com vistas ao futuro, servindo como instrumento para o autoconhecimento. Permeada por lembranças e esquecimentos, no entanto, o passado é revisitado obedecendo às intenções do sujeito da rememoração, as quais revelam a posição identitária almejada. A memória, então, é percebida como um dos pilares em que se funda a identidade. É a fonte de referentes e o instrumento que permite a ressignificação do passado que ancorará uma nova posição social a ser assumida pelo sujeito.

A partir desses parâmetros teóricos, o romance de Hatoum foi lido tendo em vista a atuação da memória na construção e reconstrução da identidade individual do narrador. A manipulação das memórias, a seletividade e o enquadramento feito pelo narrador em relação ao passado foram discutidos observando-se em que

medida a memória participa do processo de reelaboração identitária. Assim, a subjetividade que envolve o processo memorial demonstrou, a partir da voz do narrador, as relações do indivíduo com o grupo e a necessidade de reformulação identitária que o protagonista vivencia.

Nael apresenta uma narrativa elaborada a partir das lembranças de sua infância; uma retrospectiva pessoal que mobiliza toda a família e agencia discursos esparsos que Nael-narrador costura para montar o passado familiar e se inserir nesse passado a partir de uma outra postura: a de membro da família, a de filho e a de neto.

O narrador encontra-se em um momento de emergência, em que a memória se impõe sob pena de esfacelar os últimos resquícios de um passado obscuro. O esquecimento, o silêncio e a morte são os instigadores do exercício mnemônico, provocadores do trabalho memorial e do labor do discurso empreendido para reconstruir um tempo ao qual se tem acesso aos pedaços.

Neste contexto, a narração se mostra como um percurso para o autoconhecimento, para formar uma identidade silenciada por anos de dissimulações familiares. É narrando, portanto, que Nael desfaz a ambiguidade dos gêmeos e encontra o lugar de cada um na família, inclusive o seu. É revisando e revisitando o passado que Nael ressignifica-se em relação à família e a si mesmo. Isso tudo só é possível narrando.

O esquecimento, o silêncio e a morte são os instigadores do exercício mnemônico, provocadores do trabalho memorial e do labor do discurso empreendido para reconstruir um tempo ao qual se tem acesso aos pedaços. É tecendo esse discurso que o narrador afirma e firma suas ligações com a família a partir de uma posição diferente. Este é o desenlace alcançado por Nael.

NOTA

¹ Graduada em Letras - Português/Espanhol e respectivas literaturas pela Universidade Federal do Rio Grande (2010), em Direito pela Universidade Federal de Pelotas (2011) e Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (2013), com bolsa CAPES. Pós-graduanda em Direito Público pela Escola Superior da Magistratura Federal do Rio Grande do Sul (ESMAFE/RS). Doutoranda em Letras pela Universidade Católica de Pelotas, com bolsa PROSUP/CAPES. Integrante dos grupos de pesquisa Estudos Comparados de Literatura, Cultura e História (UFPEL) e Laboratório em Análise do Discurso (LEAD/UCPEL).

REFERÊNCIAS

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. As faces do duplo na literatura. In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo (Orgs.). *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.